

**VAMOS FALAR
SOBRE ADOÇÃO
INTER-RACIAL?**



APRESENTAÇÃO

Essa cartilha foi desenvolvida pelo projeto **Adoção: início dos novos vínculos**, um programa de apoio para famílias via adoção, do Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças (NUFABE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com o Instituto Fazendo História (IFH) e patrocinado pelo pelo iLab Primeira Infância, uma iniciativa do Núcleo Ciência Pela Infância. O iLab faz parte da Frontiers of Innovation – a plataforma de pesquisa e desenvolvimento (P&D) do Harvard Center on the Developing Child. O conteúdo dessa cartilha aborda questões relacionadas às famílias inter-raciais, formadas por pessoas brancas e pessoas negras (pretas e pardas) pela via da adoção.



Liziane Guedes da Silva
Aline Hoffmann
Lara Naddeo
Giana Bitencourt Frizzo
Patricia Santos Silva
Eduarda Lauryn Manoel Soares

AGRADECIMENTOS

Como citar: Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças - NUFABE (2023). *Vamos falar sobre adoção inter-racial?* Recuperado de: <https://www.ufrgs.br/nufabe/cartilhas/>

Esta cartilha foi produzida durante a realização do programa Adoção: início dos novos vínculos. Agradecemos ao financiamento recebido do Núcleo Ciência pela Infância, bem como a oportunidade de produzir conhecimento acerca dos direitos das crianças, das crianças negras e das famílias por adoção.



OBJETIVOS

O objetivo da cartilha “Vamos falar sobre adoção inter-racial?” é auxiliar principalmente mães e pais, filhos e filhas a perceber, refletir e dialogar sobre as diferenças étnico-raciais presentes nas famílias e na sociedade, bem como oferecer ferramentas para construir um espaço familiar seguro.

Embora a adoção inter-racial se refira também às famílias formadas por ao menos uma pessoa amarela, indígena e/ou branca, nesta cartilha iremos nos concentrar nas experiências de famílias formadas por pessoas brancas e negras pois, no contexto brasileiro, o racismo é um dos principais agentes de violência subjetiva, interpessoal, institucional e estrutural. Além disso, muitas famílias formadas pela via da adoção no Brasil são compostas por pessoas brancas e negras. Dessa forma, é importante observar que o racismo produz efeitos inclusive em contextos familiares e, de modo mais específico, em famílias inter-raciais.



PRINCIPAIS CONCEITOS

A adoção é uma das maneiras através da qual uma família pode se constituir, ainda quem em outros tempos a adoção tenha sido pensada com um desvio fora do padrão biológico, hoje ela é compreendida como uma forma válida e legítima de construção de laços de parentalidade e de filiação, com vínculos que transpõem os laços de sangue e se constroem através do afeto.

A adoção estabelece vínculo de filiação por decisão judicial, em caráter irrevogável, que dá à criança ou adolescente adotados os mesmos direitos de um filho/a biológico/a. Depois de muitas conquistas históricas e avanços na legislação sobre adoção, pessoas de qualquer gênero e orientação sexual, com ou sem cônjuge, conquistaram o direito de adotar um filho ou filha

Através da adoção também se garante o direito à convivência familiar e comunitária a crianças e adolescentes afastados de sua família de origem. Por fim, importante lembrar que se trata de uma medida excepcional que somente deve ser tomada quando todas as possibilidades de retorno à família de origem e/ou extensa forem esgotadas.

ADOÇÃO INTER-RACIAL

Você sabia que grande parte das famílias por adoção no Brasil são inter-raciais? Isso acontece porque a maioria das crianças e adolescentes no Sistema Nacional de Adoção (SNA) são pretas ou pardas e a maioria dos postulantes são pessoas brancas - segundo dados informados principalmente pelos técnicos do judiciário - , o que faz com que esse encontro dê origem à uma família interracial.

Uma família inter-racial é aquela que tem ao menos uma pessoa com raça/cor diferente de parte do grupo, seja por autodeclaração (quando a própria pessoa reconhece essa diferença), seja por heteroidentificação (quando outras pessoas reconhecem essa diferença). Portanto, uma família inter-racial pode ser composta por ao menos um pai e/ou mãe branco e por ao menos um filho ou filha preta ou parda, amarelo ou indígena, e vice-versa. Essa definição pode mudar de acordo com a pessoa, a família ou o lugar em que esse conceito é pensado, por exemplo, as compreensões de famílias inter-raciais dentro da família são diferentes no Brasil ou nos Estados Unidos.

Dito isto, as diferenças étnico-raciais estão presentes nas famílias brasileiras, seja por adoção ou mesmo em famílias biológicas. Mas muitas vezes esse assunto é um tabu que interfere na vida das famílias, pode criar compreensões de superioridade e inferioridade dentro do próprio grupo familiar, além de ser capaz de produzir sofrimento especialmente para as pessoas negras da família. As relações étnico-raciais, portanto, podem trazer efeitos para o convívio social e familiar o que torna importante que mães e pais brancos possam compreender e aprender a abordar esse diálogo com suas filhas e filhos negros, bem como nos meios de convívios da família.

Refletir e dialogar sobre as diferenças étnico-raciais pode contribuir para fortalecer o vínculo na nova família e para construir uma sociedade mais plural e diversa, com lugar para todas e todos.

SAIBA MAIS!

Preto, pardo ou negro?

No Brasil, os termos preto e pardo se referem à tonalidade de cor da pele e à descendência de pessoas negras. De modo resumido, pessoas pretas são pessoas negras com cor de pele escura e pessoas pardas são pessoas negras com cor de pele um pouco mais clara, geralmente fruto de miscigenação entre negros, brancos e indígenas.

Os nomes preto e pardo são utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE para se referir a pessoas negras nos censos populacionais, portanto, pessoas pretas e pardas somadas compõem o grupo de pessoas negras, mesmo que haja diferenças de tonalidade de cor de pele entre elas. Um segundo ponto importante é que a raça/cor/etnia é autodeclarada, ou seja, é a própria pessoa que informa como se identifica.



Mas o racismo ainda existe no Brasil?

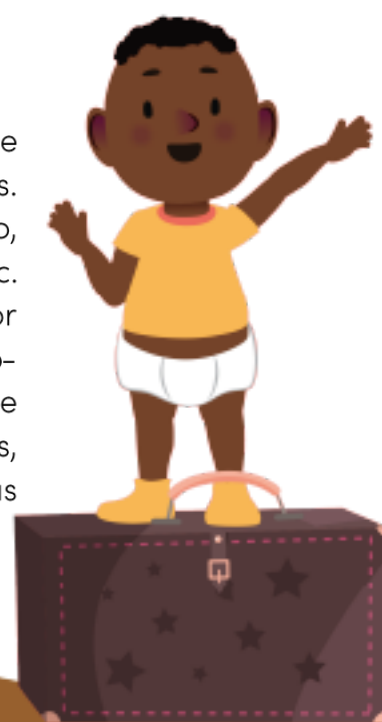
Muitas pessoas se perguntam se o racismo ainda existe no Brasil porque acham que ele é um fenômeno que ficou no passado com a escravidão africana ou o genocídio indígena. Mas, ele é uma realidade ainda presente nos dias de hoje e se expressa, principalmente, nas desigualdades sociais vividas pelas pessoas brancas, negras e indígenas.


É importante entender que mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, muitas pessoas negras continuaram excluídas dos direitos básicos de emprego, moradia, educação e vivem os impactos daquele período atualmente. O grande número de crianças e adolescentes negros/as em serviços de acolhimento é também um reflexo do racismo e desse período após a abolição. Da mesma forma, muitas famílias brancas seguem usufruindo dos privilégios materiais (renda, bens), culturais e simbólicos construídos desde aquele período.

A partir desse apanhado histórico, podemos compreender de onde vem as desigualdades socioeconômicas em relação ao acesso a direitos como emprego, saúde, educação e moradia vivenciadas por pessoas negras e indígenas, em função do racismo. Reconhecer a história de construção do racismo é fundamental para pensar o presente e planejar o futuro da sociedade com responsabilidade, pois lidar com o passado é uma demanda da sociedade em geral, e não apenas das pessoas negras ou indígenas.

Por que é importante debater as relações étnico-raciais no contexto de adoção?

Primeiro, ao se falar em relações étnico-raciais se está falando da diferença étnica ou racial entre as pessoas. Por “étnico” entende-se a ideia de povo, por exemplo, povos indígenas que podem ser Guaranis, Kaingangs, etc. Já o “racial” refere-se a uma diferença de cor de pele. Por isso em alguns contextos utiliza-se os termos “étnico-raciais”, ou “raciais” ou ainda “raça/cor/etnia”, todos se referem às diferenças que as pessoas negras, brancas, amarelas e indígenas carregam na pele e em suas histórias de origem.



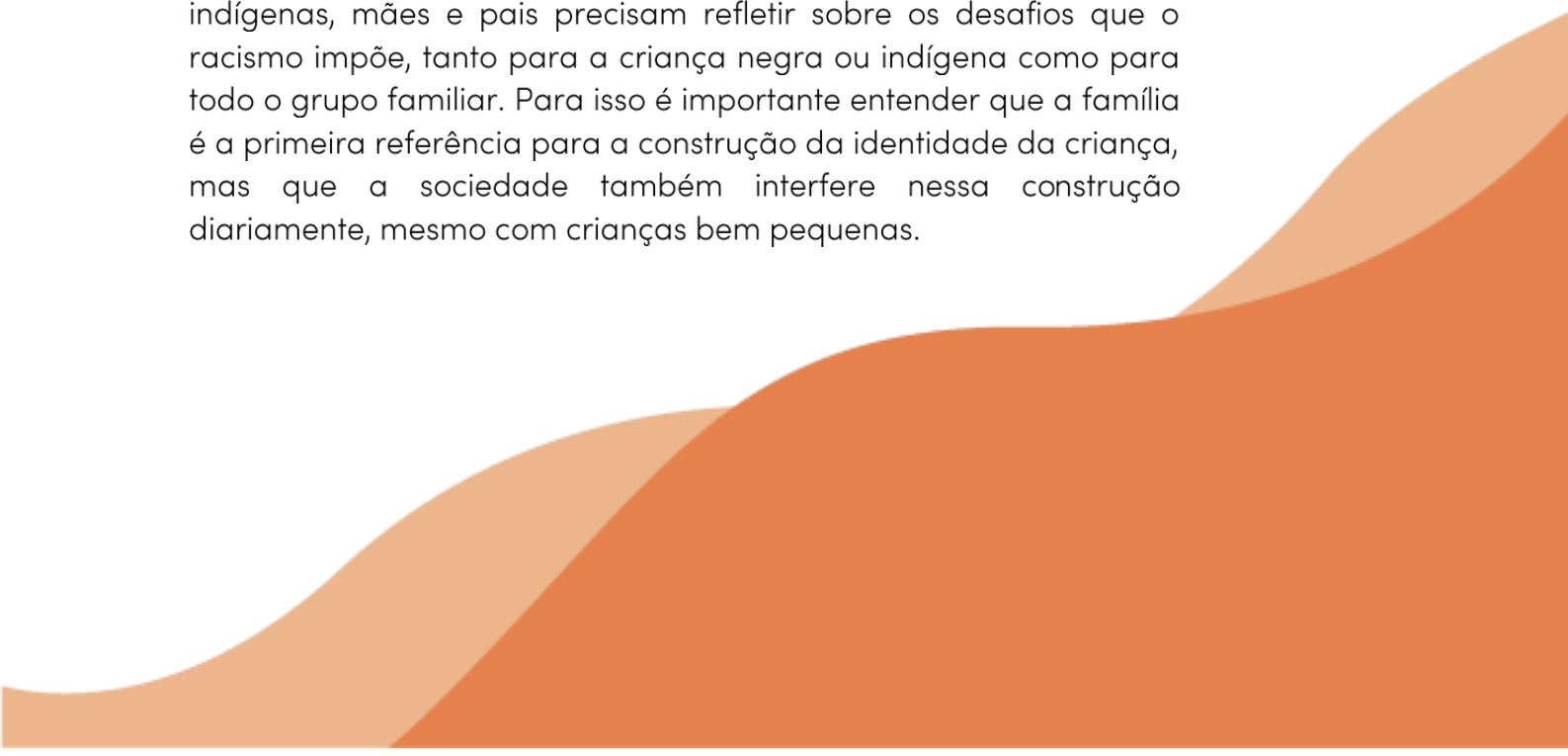


Para entender porque é importante debater as relações étnico-raciais no contexto da adoção é precisamos refletir sobre dois aspectos iniciais: a separação de famílias negras ao longo da escravidão e a inexistência de políticas públicas após a abolição da escravatura. Durante o período da escravidão, muitas famílias negras foram violentamente separadas ou viveram experiências de pobreza extrema, o que se refletiu no grande número de crianças e adolescentes negros órfãos ou em situação de rua após a abolição da escravatura, como comentado acima.

Após 1888, com a abolição, na ausência de políticas públicas que reparassem os enormes danos da escravidão ao povo negro, muitas famílias negras foram separadas. Até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, era comum o afastamento de crianças e adolescentes por motivo de pobreza, pois havia um entendimento de que essas famílias não podiam cuidar, o que culminava na institucionalização prolongada de suas crianças. Após o ECA, o Brasil construiu uma legislação avançada, e parâmetros para o acolhimento de crianças e adolescentes, no entanto, a antiga lógica de institucionalização, e culpabilização das famílias negras e pobres ainda se faz presente na atualidade e vemos com frequência acolhimentos que são determinados por motivos de pobreza e vulnerabilidade social.

Como as mães e pais devem lidar com uma criança de uma raça/cor/etnia diferente da sua?

Antes de se optar pela adoção de crianças negras e/ou indígenas, mães e pais precisam refletir sobre os desafios que o racismo impõe, tanto para a criança negra ou indígena como para todo o grupo familiar. Para isso é importante entender que a família é a primeira referência para a construção da identidade da criança, mas que a sociedade também interfere nessa construção diariamente, mesmo com crianças bem pequenas.



Para além do racismo, há a própria questão das diferenças físicas entre pessoas negras e brancas, por exemplo. As crianças constroem a sua identidade aos poucos, na medida em que se reconhecem e se diferenciam dos seus primeiros cuidadores, mães, pais, profissionais dos serviços de acolhimento, e de quem as cerca ao longo da infância. O processo de construção da sua própria imagem é importante para que a criança perceba e acolha suas características, ficando mais e mais consciente do seu próprio corpo. Por exemplo, quando as crianças param em frente ao espelho admirando a si mesmas, mexendo em seus cabelos, escovando os seus dentes, elas estão tomando consciência do próprio corpo.

Nesse sentido, famílias inter-raciais podem auxiliar a criança a nomear as suas próprias características, buscando sempre potencializá-las com elogios em relação à cor da pele, ao formato do cabelo, aos lábios e tudo que traz sua origem étnico-racial.

Por que é importante falar sobre as características do corpo e seus significados?

Porque uma criança negra que cresce em uma família branca pode experimentar sentimentos de não pertencimento à essa família, e estranheza em relação ao seu próprio corpo e à sua ancestralidade.

A partir dos 3 anos de idade, a criança sabe que sua cor é diferente da dos seus pais e sente que é diferente. Ao ir para a escola, em torno dos 4 ou 5 anos, ela passa a entender que ser uma pessoa negra é carregar uma marca de inferioridade. Mesmo sem saber nomear a experiência de racismo, há grandes chances de que a criança sentirá o impacto.

Ou seja, a criança não precisará necessariamente sofrer uma violência direta para perceber que há poucas pessoas negras nos espaços onde ela convive, que as pessoas negras geralmente estão em posições sem prestígio social, que o material gráfico da escola não inclui pessoas parecidas com ela, que nem sempre as professoras serão tão carinhosas com ela quanto com os colegas brancos, fora as situações explícitas de exclusão que as crianças reproduzem no contexto da escola diariamente, na disputa por brinquedos, por exemplo.

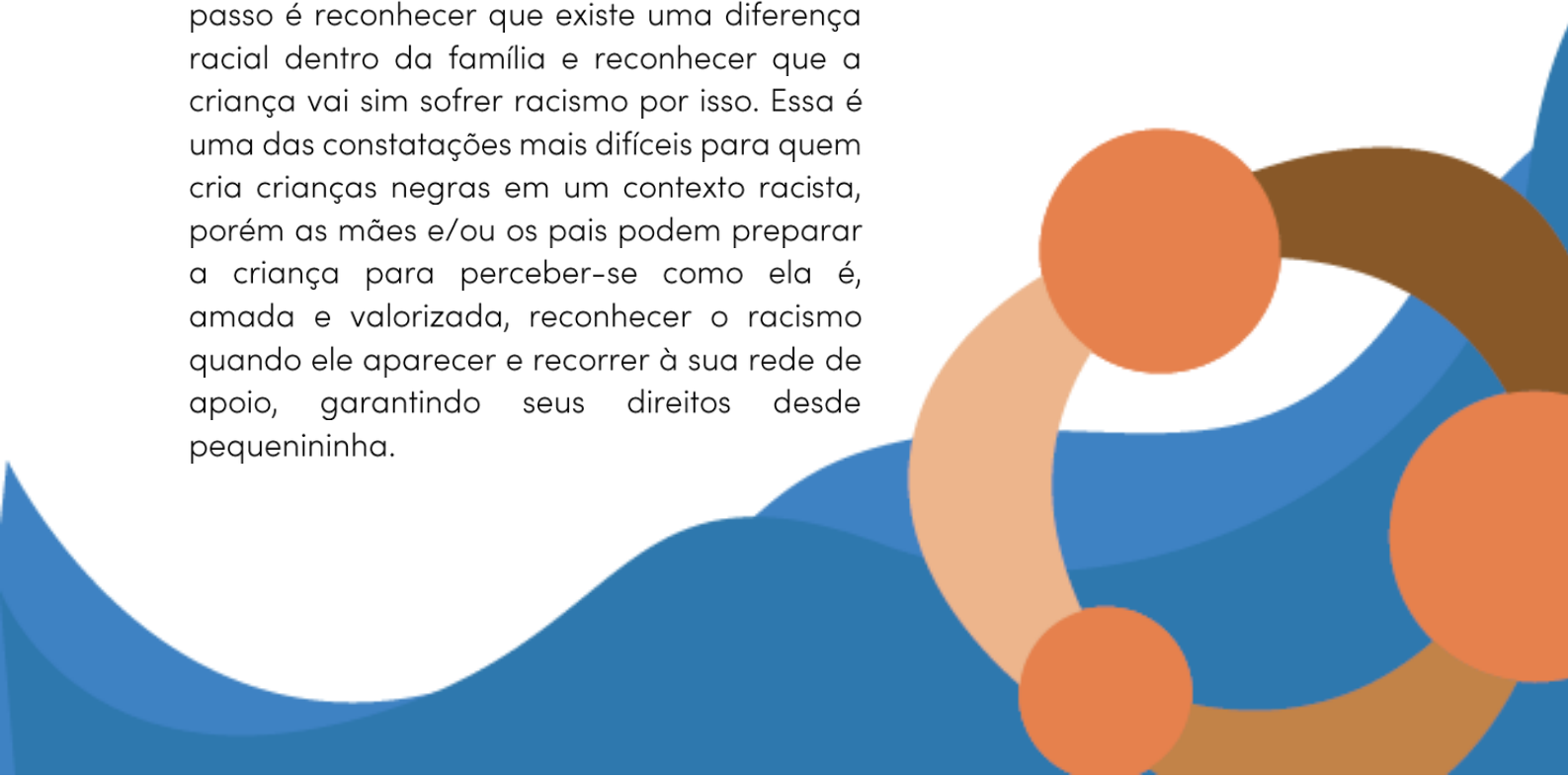
Por essas e outras questões, é essencial que as mães e os pais reconheçam que há diferenças raciais na sociedade, para dar apoio à criança que estará vivendo essas experiências no dia a dia, ajudá-la a traduzir esses acontecimentos e entender que a culpa não é dela, nem dos coleguinhas necessariamente. Que é algo histórico e generalizado, mas que ela sempre deve e pode contar com sua mãe e/ou pai para entender e receber acolhimento quando se sentir afetada pelo racismo.

Destacamos ainda que esconder suas percepções ou silenciar frente aos acontecimentos, pode passar à criança uma mensagem de que ela não sabe interpretar o mundo corretamente e isso é tão prejudicial ao desenvolvimento da criança quanto o próprio racismo em si, porque vai deixá-la insegura e com sentimento de insuficiência.

Outro sentimento bastante comum é a falta de identificação com os membros da família. Para a gente construir a nossa identidade, precisamos nos achar em alguns aspectos parecidos com nossos pais e em outros a gente precisa se ver como diferentes. Com uma criança que tem a raça/cor diferente dos pais e não tem essa diferença reconhecida, fica bem mais difícil criar essa identificação. Então, é importante apontar que existe sim uma diferença e que o amor existe inclusive por causa dessas diferenças. Pode-se ressaltar que essa diferença racial foi construída socialmente e que se não fosse o racismo, a cor da pele talvez não fosse influenciar nossas relações da maneira que influencia hoje.

O primeiro passo para acolher uma criança preta ou parda é reconhecer a diferença étnico-racial.

Como falamos até agora, o primeiro passo é reconhecer que existe uma diferença racial dentro da família e reconhecer que a criança vai sim sofrer racismo por isso. Essa é uma das constatações mais difíceis para quem cria crianças negras em um contexto racista, porém as mães e/ou os pais podem preparar a criança para perceber-se como ela é, amada e valorizada, reconhecer o racismo quando ele aparecer e recorrer à sua rede de apoio, garantindo seus direitos desde pequenininha.



PARA PENSAR

A importância de incluir a família extensa!

Quando uma criança/adolescente chega a uma família, ela vai ser incluída em toda uma nova história familiar, provavelmente vai ter tios/tias, avós, primos/as que irão conviver com a criança e construir vínculos de afeto. Muitas vezes a família extensa não se prepara para a adoção como a mãe e/ou pai, e no entanto é fundamental que se aproximem da temática da adoção e que sejam preparadas para a chegada desse novo membro da família. Incluir a família extensa e sensibilizá-la para as questões da adoção, e da adoção inter-racial, é fundamental para criar uma rede de apoio forte e um ambiente familiar que não reproduza violências e discriminações, facilitando a construção do vínculo da criança com a nova família.



Como mães e pais brancos podem cuidar das relações étnico-raciais, se não vivem a experiência do racismo?

Essa é uma pergunta essencial. De fato, é imprescindível que as mães e/ou os pais saibam reconhecer atos de racismo, humilhação e exclusão social quando eles acontecerem com seus filhos e filhas para poder oferecer o apoio e o colo!

Não há uma única resposta para essa pergunta, mas geralmente para que mães e/ou pais brancos possam cuidar das relações étnico-raciais no dia a dia da família, eles devem estar dispostos a:

- reconhecer que ser uma pessoa branca é ocupar uma posição de privilégios materiais e simbólicos;
- problematizar sua branquitude, ou seja, entendendo quais são os significados de ser branco ou branca na sua vida;
- usar o privilégio de ser uma pessoa branca e sempre intervir em situações de racismo implícito ou explícito em defesa do seu filho ou filha, para dar o exemplo do que ele ou ela pode/deve tolerar na vida em sociedade;
- estudar sobre a história africana e indígena na formação do país;
- estudar sobre relações étnico-raciais, entendendo o que significa os conceitos: racismo, discriminação e preconceito, branquitude, privilégio, etc.
- conviver com pessoas negras, famílias negras e famílias inter-raciais buscando construir redes de socialização para dividir as angústias e as conquistas, e para lidar com os desafios do dia a dia;
- acolher as angústias dos seus filhos e filhas sem questionar a dor, mas sim auxiliando-os a encontrar ferramentas para lidar com os efeitos da violência;
- evitar comparações entre crianças negras e outras crianças, mesmo que também sejam negras, pois cada sujeito sente e vive de forma singular;

Por fim, um grande desafio de ser mãe e pai é assumir que haverá muitas situações em que não será possível proteger os filhos e filhas. Especialmente quanto ao racismo essa é uma realidade muito presente, pois ele infelizmente ainda faz parte do modo como a sociedade se constrói.

PARA PENSAR


Você já ouviu falar de branquitude e branqueamento?

A maioria das pessoas brancas no Brasil raramente pensa sobre os significados de ser branco em uma sociedade construída pelo racismo. Essa compreensão, chamada de branquitude, costuma ficar distante do pensamento de pessoas brancas até que passem a conviver com pessoas negras e vejam por outra perspectiva. Quando famílias inter-raciais se formam, um grande desafio de mães e/ou pais brancos é construir a compreensão de que ser branco e ser negro traz diferenças nas relações sociais e subjetivas das pessoas, passando a olhar para sua própria raça/cor/etnia com outros olhos.

Além disso, pensar sobre esse processo também permite problematizar algumas escolhas que são percebidas como normas, por exemplo, em relação ao modo de tratar os cabelos de pessoas negras que nem sempre precisam ser alisados ou presos. Pelo contrário, quando esse processo é uma imposição ele é uma forma de branqueamento da pessoa negra e de apagar suas características de origem e precisa ser repensado.

Você já avaliou o impacto do privilégio da branquitude na sua vida?

Nesse sentido, quando pessoas negras e brancas são tratadas de modos diferentes na sociedade brasileira, é preciso avaliar qual o impacto da raça/cor/etnia nesse tratamento. Para as pessoas negras, o racismo produz muitos prejuízos, mas ele também privilegia pessoas brancas em muitas situações. Por exemplo, em relação ao trabalho é muito comum que pessoas negras não sejam selecionadas por não “terem o perfil” desejado pela empresa, o que muitas vezes quer dizer que aquela empresa não vê pessoas negras com bons olhos e irá privilegiar a contratação de pessoas brancas.



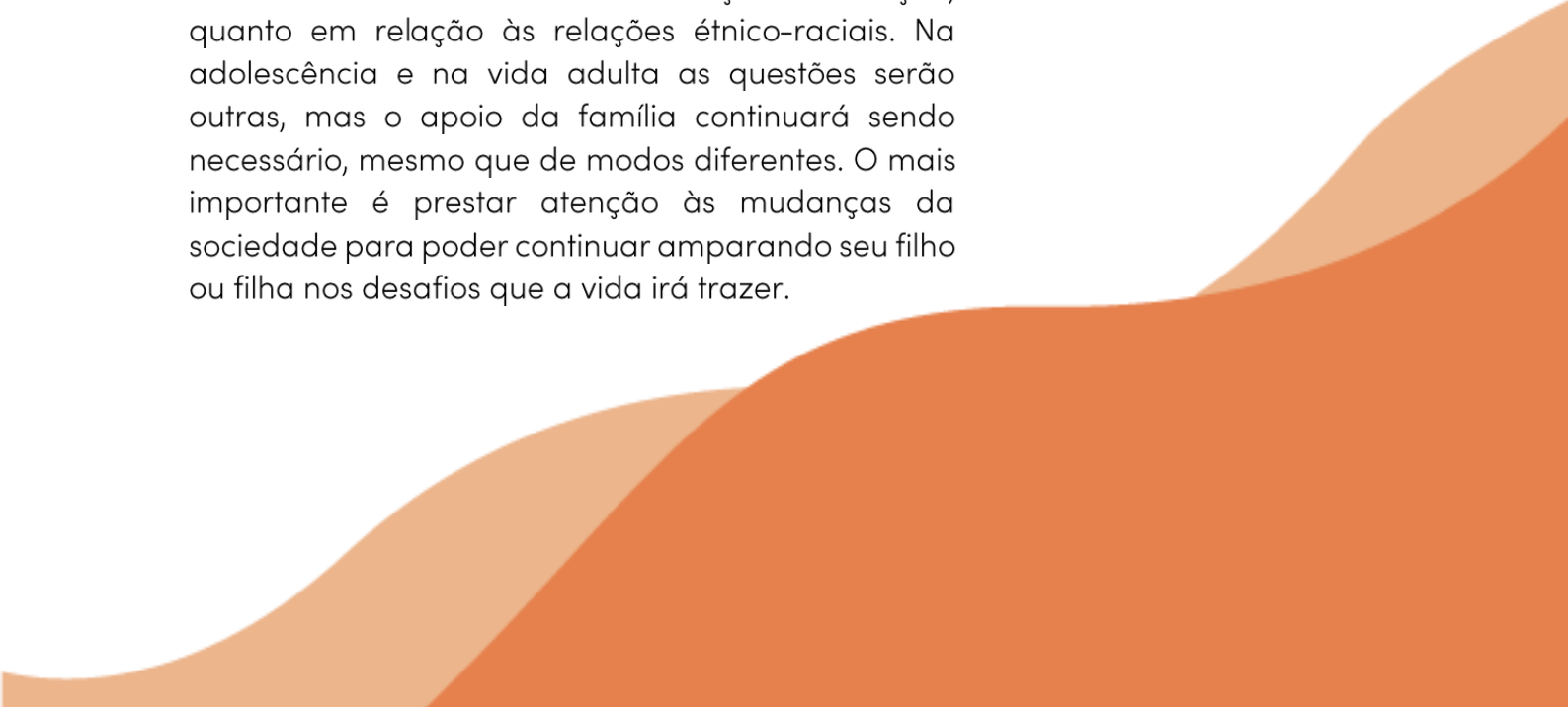
Qual a importância das referências positivas para o desenvolvimento das crianças negras?

As referências positivas e a representatividade de pessoas negras em posições diversas na sociedade brasileira é essencial para o desenvolvimento positivo das crianças negras. Enxergar pessoas parecidas com ela/ele em vários lugares sociais na sociedade brasileira pode fortalecer a criança negra para viver todas as experiências que ela desejar, além de empoderá-la para lidar com o racismo. Essas referências podem ser personagens históricos, ícones da cultura negra, ativistas dos direitos civis no Brasil e no mundo, escritoras, músicos que possam ser referências importantes para seu filho ou filha! Mas também é importante que pessoas comuns, familiares, amigos e colegas próximos também sirvam como referências.

É fundamental reconhecer a existência do racismo, mas também afirmar ao seu filho e filha que ele/a descende de reis e rainhas africanas e de pessoas negras nascidas no Brasil que sobreviveram em solo brasileiro em contextos desfavoráveis, e que esse aprendizado também está presente na sua ancestralidade! Lembre-se de ressaltar à criança que ela tem a força para lidar com essas situações dentro de si e que no que depender da família, nunca estará sozinho/a!

Quais outros desafios o racismo trará à vida do meu filho ou filha, à medida que ele/ela for crescendo?

Não há uma resposta única para essa pergunta, pois cada etapa do ciclo da vida irá trazer desafios diferentes tanto em relação à adoção, quanto em relação às relações étnico-raciais. Na adolescência e na vida adulta as questões serão outras, mas o apoio da família continuará sendo necessário, mesmo que de modos diferentes. O mais importante é prestar atenção às mudanças da sociedade para poder continuar amparando seu filho ou filha nos desafios que a vida irá trazer.



Considerações Finais

Ao longo desta cartilha, apresentamos questões para auxiliar você a pensar sobre a experiência de constituir uma família inter-racial. Pensamos sobre o racismo, a branquitude, sobre como potencializar as crianças negras, entre outros, porque acreditamos que esses temas são essenciais para entender a complexidade do debate das relações étnico-raciais no Brasil, um assunto tabu em vários contextos, inclusive na própria adoção.

O diálogo sobre o racismo não visa colocar a culpa em pessoas brancas e muito menos retirar o protagonismo da luta de pessoas negras, pelo contrário, o objetivo é auxiliar as pessoas a refletirem que todos temos sido afetados por esse passado e o que todos precisamos encontrar maneiras para avançar em direção à uma sociedade mais justa para todas e todos.

Contudo, sabemos que não há manual para tornar-se pai e mãe de nenhuma criança, sejam elas negras, indígenas, amarelas ou brancas! Portanto, essa cartilha chega para facilitar a reflexão sobre o racismo e suas implicações, e dar dicas que podem auxiliar no dia-a-dia da sua família, sem a pretensão de definir o que é certo ou errado!

No fim das contas, no dia a dia com seu filho ou filha, será você que irá encontrar as saídas para as necessidades que surgirem e, se você sentir necessidade, a cartilha *Vamos falar sobre adoção inter-racial?* estará aqui para lhe auxiliar nessa jornada! Esperamos que você tenha se sentido acolhido/a e representado/a.



SESSÃO EXTRA:

DICAS DE LEITURAS, LIVROS,
SÉRIES E CONTEÚDOS DIVERSOS

Mas antes de nos despedirmos, queremos deixar para vocês algumas dicas de conteúdos que podem auxiliar nessa construção! Clique nos links e aproveite!

LINKS QUE PODEM SER NECESSÁRIOS

CONTEÚDOS DE REDES SOCIAIS

ADOÇÃO INTER-RACIAL | @adocao.vinculos

https://www.instagram.com/p/CVQX9aEAGj7/?utm_source=ig_web_copy_link

DICAS DE SÉRIE PARA FALAR SOBRE ADOÇÃO INTER-RACIAL

@doulasdeadocao

<https://www.instagram.com/p/CWdXSfyLcLf/>

O QUE A SÉRIE THIS IS US NOS ENSINA SOBRE ADOÇÃO INTER-RACIAL?

@nasceadocao e @mundodaadocao

<https://www.instagram.com/p/CWosPUKIXik/>

<https://www.instagram.com/p/CWt4MSuttWI/>

<https://www.instagram.com/p/CW9TD2DMj9g/>

<https://www.instagram.com/p/CXMtO7ZsGWa/>

COMO POTENCIALIZAR AS SUBJETIVIDADES DAS CRIANÇAS NEGRAS?

@psico.lizianeguedes | https://www.instagram.com/p/CVfr3GuJP_Y/

LIVROS ANTIRRACISTAS PARA AS CRIANÇAS E SEUS CUIDADORES

@principiodagente |

PARA CRESCER SENDO ANTIRRACISTA | @principiodagente

https://www.instagram.com/p/CWtNuCfO9XN/?utm_medium=copy_link

https://www.instagram.com/p/CWaoK6XrouP/?utm_medium=copy_link

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA |@eudehbastos

https://www.instagram.com/p/CWgQu7xrE4I/?utm_medium=share_sheet

SÉRIE DE POSTS ESPECIAL CONSCIÊNCIA NEGRA | @papaipeando

<https://www.instagram.com/p/CWVmLILrnBM/>

<https://www.instagram.com/p/CWYCYWrrK93/>

<https://www.instagram.com/p/CWYX5KwAJ6U/>

<https://www.instagram.com/p/CWasjnbLIKJ/>

<https://www.instagram.com/p/CWdNUCErVMb/>

<https://www.instagram.com/p/CWd5kw2PhpL/>

<https://www.instagram.com/p/CWf1YYGLZJD/>

<https://www.instagram.com/p/CWgKp1ALoXR/>

https://www.instagram.com/p/CWg9fNRr9hW/?utm_medium=copy_link

REFERÊNCIAS TÉCNICAS PARA A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

<https://site.cfp.org.br/publicacao/relacoes-raciais-referencias-tecnicas-para-pratica-dao-psicologao/>

DISSERTAÇÃO LIZIANE

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/229983>

REPORTAGENS

<https://www.ceert.org.br/noticias/participacao-popular/6663/racismo-na-infancia-fila-de-espera-para-adocao-tem-67-de-criancas-negras-e-pardas>

<https://ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/20118/preconceito-dos-pretendentes-em-relacao-a-cor-da-crianca-na-hora-de-adotar-cai-ano-a-ano-no-brasil>

https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/17867/brancas-com-descendencia-negra-maes-adoptivas-aprendem-a-lidar-com-racismo?fb_comment_id=1569273906426181_1569767106376861

<https://ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/10001/adocao-de-criancas-negras-e-o-enfrentamento-ao-racismo-na-infancia>

<https://ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/11071/a-espera-de-um-lar>

REPORTAGEM SOBRE NECROINFÂNCIA E CÓDIGO DE MELO MATTOS
<https://lunetas.com.br/necroinfancia-criancas-negras-assassinadas/>

LIVE SOBRE ADOÇÃO INTER-RACIAL

FACCO, Marília. Adoção interracial e parentalidade pela perspectiva da branquitude. [live]
Disponível em:

< <https://www.instagram.com/p/CG0xOvFHmBu/> > Acesso em 07 jul. 21.

<https://www.instagram.com/p/CG0xOvFHmBu>

INDICAÇÃO DE LEITURA

<https://www.amazon.com.br/Fam%C3%ADlia-Inter-Raciais-Tens%C3%B5es-entre-Amor/dp/8523217622>

Continuem conosco em nossas Redes Sociais:

Instagram @nufabe

@adocao.vinculos

Facebook iLab Adoção

www.ufrgs.br/nufabe

OBRIGADA!

